



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

ANTONIO MARCELO ABREU DE OLIVEIRA

**MODOS DE VIVER DE AGRICULTORES DO POVOADO DE CAMINHO DA
VOLTA, EM REDENÇÃO, CEARÁ, DURANTE A SEGUNDA DÉCADA DO
SÉCULO XXI**

**REDENÇÃO
2024**

ANTONIO MARCELO ABREU DE OLIVEIRA

MODOS DE VIVER DE AGRICULTORES DO POVOADO DE CAMINHO DA VOLTA,
EM REDENÇÃO, CEARÁ, DURANTE A SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, ao Instituto de Humanidades – IH, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. José Josberto Montenegro Sousa.

REDENÇÃO
2024

Resumo

No presente projeto nos propomos a conhecer modos de vida de moradores da comunidade de Caminho da Volta, em Redenção, Ceará, durante a segunda década do século XXI, com o intuito de refletir acerca das percepções que essas pessoas expressam sobre as condições enfrentadas para se manterem da/na prática da agricultura de subsistência. A pesquisa foi realizada a partir de fontes bibliográficas e de entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade. A análise concluiu que as pessoas que persistem em suas atividades tradicionais enfrentam dificuldades para se manterem e reivindicam um maior reconhecimento de seus ofícios em programas governamentais. Ademais, acredita-se poder contribuir para a valorização e construção outros olhares sobre experiências e modos de vida em comunidades rurais cearenses.

Palavras-chave: Comunidades rurais do Ceará; agricultura de subsistência.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	05
1.1	OBJETIVO GERAL.....	09
1.1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	09
2	JUSTIFICATIVA.....	10
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	11
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DESENVOLVIMENTO PRELIMINAR DA PESQUISA.....	13
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	21
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA.....	22

1 Introdução

Caminho da volta é um povoado rural do distrito de Antônio Diogo, pertencente ao município de Redenção no estado do Ceará. O nome de “Caminho da Volta” foi atribuído por ser o local por onde moradores de Antônio Diogo passavam até chegarem à comunidade de “Volta”, do município vizinho, Aracoiaba. Atualmente, essa comunidade não existe mais, pois sofreu uma enchente por rompimento de barragem do Açude Aracoiaba no final dos anos 2000 (Figura 1), fazendo com que parte das pessoas que residiam na antiga Volta, hoje residam em comunidades próximas, dentre elas Caminho da Volta. Em mapas locais, Caminho da Volta é a Rua Luís Soares, nome de um dos primeiros moradores da região, porém as pessoas do local sempre se referem como moradores de Caminho da Volta. (Figura 2)

Figura 1 - Açude Aracoiaba próximo a antiga comunidade de Volta. – Situada em Aracoiaba



Fonte: <https://x.gd/8PGEf>

Figura 2 -Caminho da Volta, no mapa aparece como Rua Luiz Soares – Situada em Antonio Diogo Redenção



Fonte: <https://x.gd/10XMf>

Minha família reside na comunidade desde ano de 2002. Eu nasci em Caminho da Volta, dois anos após minha família chegar ao local. Nossa família, assim como a maioria das pessoas da comunidade é formada por agricultores. Mesmo que eu não tenha seguido na agricultura minha vida foi entrelaçada a ela. Desde criança, participava como ajudante do meu avô, de meus tios e de meu pai, vivendo e sentindo de muito perto todas os desafios de ser um trabalhador rural de pequeno porte, que luta cotidianamente para produzir seus meios de subsistência. Tendo sido essas vivências, um dos fatores que me instigaram a desenvolver o presente trabalho, com o intuito de compreender problemáticas relativas aos modos de vida rurais de subsistência e poder contribuir para mudanças que proporcionem melhores condições para pessoas da comunidade.

Uma parcela de moradores do povoado tem como atividade principal ou complementar, a agricultura ou pecuária. Conforme dados fornecidos pela Embrapa, mesmo que cerca de 70% da comida que chega às mesas das nossas casas seja proveniente da agricultura familiar, as pessoas que vivem nessa condição enfrentam dificuldades principalmente para se manter financeiramente. Essa constatação, se confirma ao observarmos

a realidade de trabalhadores rurais moradores de Caminho da Volta.

Ademais, para construirmos uma compreensão inicial acerca de como vivem os/as moradores/as de Caminho da Volta, vale mencionar alguns aspectos e particularidades comuns aos seus modos de vida como clima, cultura e condições socioeconômicas. Na localidade, de modo semelhante à outras situadas no semiárido da região Nordeste, não existem as quatro estações climáticas bem definidas. Nesta, aprendemos que existe um longo período de estiagem, que chamamos de verão, que normalmente se estende do segundo semestre do ano até os primeiros meses do ano seguinte. E o período que conhecemos como inverno, quando ocorre a tão esperada chuva.

Quando se fala em “clima semiárido”, frequentemente a primeira imagem que surge é a de uma natureza severa e bastante inóspita. Isto não está totalmente errado, visto que estas regiões se caracterizam principalmente pela irregularidade das chuvas e pelas altas taxas de evapotranspiração, elementos que juntos contribuem para o risco constante de escassez hídrica. Porém, tanto quanto a seca é parte indissociável do Semiárido, também o é o fenômeno das monções torrenciais, que caem eventualmente em períodos curtos e provocam cheias, reavivando os milhares de rios e lagos intermitentes, devolvendo pujança à vegetação e ajudando a recuperar os reservatórios. Assim, esta dicotomia climática torna o Semiárido brasileiro ao mesmo tempo um dos mais habitáveis do mundo e uma região particularmente suscetível às mudanças climáticas, razão pela qual sua climatologia conta com diversos monitoramentos científicos e com a sabedoria popular do povo sertanejo. (INSA, Instituto Nacional do Semiárido, 2024).

Em decorrência das dificuldades provocadas pelas secas, o período de inverno é ansiosamente esperado pelos trabalhadores rurais, pois é nele que depositam suas esperanças em benefícios que as chuvas poderão prover. Porém, não são apenas as secas que causam preocupação, por exemplo em 2023, quando uma temporada de chuvas muito intensas, em que em menos de um mês choveu o previsto para o ano todo, prejudicou as plantações de feijão, um dos principais itens vegetais cultivados por moradores do local.

Culturalmente falando, a religiosidade é uma característica marcante da vida dos moradores de Caminho da Volta, principalmente o tradicional catolicismo. Na localidade há uma capelinha com o mesmo nome do padroeiro da comunidade, Sagrado Coração de Jesus, onde são realizadas missas mensalmente, além de eventos em feriados sagrados como as tradicionais quermesses, nos anos recentes, também tem se observado o surgimento de igrejas evangélicas. Além destas manifestações de religiosidade, existem as rezadeiras ou benzedadeiras, anciãs que se dedicam às orações para a cura de enfermidades em recém-nascidos, crianças,

adultos, animais e até mesmo plantações. Outro aspecto presente na cultura local são as vaquejadas, que ocorriam na “Fazenda do Luizinho”, e que mais recentemente são realizadas em pequenas fazendas na região, onde alguns jovens trabalham como vaqueiros.

No que se refere às condições socioeconômicas, segundo dados do IBGE, no município de Redenção a renda média salarial é de 3,5 salários-mínimos, porém, a maioria dos trabalhadores rurais não ganham mais de um salário mínimo e meio. Fator que explica a necessidade de muitas pessoas da comunidade a buscarem auxílios em programas de benefícios dos governos, como bolsa família, empréstimos ou aposentadoria. A distribuição espacial das moradias evidencia o modo como costumam prestar ajuda uns aos outros, construindo suas casas próximas a familiares. Desse modo, é comum que o vizinho seja um primo, tio, irmão, filho ou avô, que muitas vezes compartilham quintais comuns, em uma espécie de aglomerados familiares de residências.

Muito embora o povoado se caracterize pelo predomínio de atividades associadas aos modos de vida rural, existem pessoas que desempenham outras funções como por exemplo, professoras do ensino infantil, faxineiros, vigias, atendentes, entregadores, repositores de estoque, caixas entre outros. Esses indivíduos, de acordo com relatos de moradores têm melhores salários que trabalhadores rurais, dispendo de uma renda mensal fixa. Aqueles que se ocupam de atividades tipicamente rurais, mesmo que sindicalizados são trabalhadores informais sem renda definida.

Para prosseguirmos com a discussão, é prudente destacar quanto ao emprego das expressões, “agricultura de subsistência”, “agricultura familiar”, assim como as derivações destas tem sido objeto de intenso debate conceitual quando à pertinência de seus usos, uma vez que surgem historicamente em contextos distintos e servem a apropriações diversas. Sendo a primeira referente à modalidade de produzir alimentos advindos do cultivo e criação de animais em locais pequenos para suprir as necessidades básicas da família e da comunidade de pertencimento e mantem-se mais vinculada às práticas e costumes tradicionais. A segunda expressão, por sua vez, refere-se a uma modalidade de produção agrícola definida por ser praticada com a maior parte da mão de obra empregada nas atividades rurais e o gerenciamento do estabelecimento rural serem feitas por pessoas pertencentes a um mesmo grupo familiar e em pequenas propriedades, porém, não se limita ao uso de recursos tradicionais e parte de sua produção pode se destinar a outros fins, além das necessidades da família ou comunidade.

Embora existam críticas à expressão “agricultura de subsistência”, por considerar não se tratar apenas de uma subsistência de seus praticantes e sim de experiências muitas vezes de resistência perante ao processo de exclusão ao qual foram historicamente submetidas as populações do campo no Brasil, considera-se mais apropriada, para efeito deste estudo, a noção de agricultura de subsistência, tendo em vista o viés que a associa à resistência.

Na sequência do trabalho, além desta introdução, na qual delimita-se a temática, serão apresentados os objetivos gerais e específicos, a justificativa da proposta de pesquisa, os procedimentos metodológicos, a fundamentação teórica e desenvolvimento preliminar da pesquisa, em que se buscou analisar relatos obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas, com o referencial bibliográfico relacionado à temática. Por fim, foram tecidas considerações sobre a experiência proporcionada no processo de elaboração do projeto de pesquisa.

1.1 Objetivo geral

Conhecer modos de vida de moradores da comunidade de Caminho da Volta, em Redenção, Ceará, durante a segunda década do século XX, com o intuito de refletir acerca das percepções que expressam sobre as condições enfrentadas para se manterem da/na prática da agricultura de subsistência.

1.1.2 Objetivos específicos

- Situar historicamente a formação do povoado de Caminho da Volta e seus modos de vida vinculados à prática da agricultura de subsistência.
- Descrever as adversidades e o cotidiano vivido por trabalhadores rurais de subsistência;
- Refletir acerca das percepções que moradores de Caminho da Volta, praticantes de agricultura de subsistência, expressam em relação às atividades que desempenham, bem como as dificuldades enfrentadas para se manterem nesse ofício.

2 Justificativa

A comunidade estudada no presente projeto de pesquisa é uma dentre muitas comunidades rurais de baixa renda do Ceará. Possivelmente por fazer parte de uma realidade que se assemelha à de muitas outras localidades de zonas rurais cearenses, as condições de vida de seus/as moradores/as é, por assim dizer, invisível à “história oficial”. Porém, isto não significa que as experiências vividas por estas pessoas deixem de ser relevantes, e que não tenham algo a ensinar e se refletir sobre suas práticas apreendidas tradicionalmente e transmitidas através de gerações. Dessa forma, por este estudo pretende-se conhecer formas de sociabilidades forjadas em situações típicas da vida rural cearense, constituídas enquanto estratégias para enfrentar adversidades climáticas e sociais, recorrentemente vistas apenas pela ótica da precariedade. Para além desta perspectiva, considera-se que "tudo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos, mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais" (Amado, 1997, p. 146).

Nesse sentido, ao propomos conhecer aspectos das condições de vida de moradores desta comunidade rural pertencente ao município de Redenção, estado do Ceará, não bastam as concepções disseminadas pelo senso comum ou aquelas disponibilizadas por agentes de órgãos públicos, visto que reproduzem visões homogeneizantes em que ressaltam, via de regra, suas precariedades. Optamos por priorizar seus próprios relatos sobre suas experiências de sociabilidades, obtidos por entrevistas orais, uma vez que, estas constituem uma possibilidade de acessar saberes ignorados, bem como as contribuições apreendidas tradicionalmente em suas estratégias de sobrevivência e resistência.

Desse modo, para entender os desafios que trabalhadores rurais de pequeno porte enfrentam em seu dia a dia buscamos inicialmente a análise de referências bibliográficas de diferentes autores, a fim de situar a perspectiva histórica em que se insere uma das mais importantes atividades desempenhadas para suprir necessidades humanas a partir das relações estabelecidas com a natureza, por meio da qual suprem suas necessidades essenciais, a agricultura.

Ao dialogar com relatos de trabalhadores rurais invisibilizados pela história oficial, tem-se a oportunidade de conhecer suas narrativas e refletir sobre situações comuns enfrentadas por moradores de diferentes zonas rurais brasileiras. Assim, acredita-se que a

pesquisa possibilitará problematizar a condição de invisibilidade de pessoas que normalmente residem em lugares afastados dos grandes centros e chamar a atenção para se repensar fatores que lhes subtraíram o direito ao passado. Dessa forma, pretende-se conhecer suas experiências cotidianas, costumes, crenças, relações de trabalho que desempenham para o suprimento de necessidades coletivas, nas relações que mantêm com vizinhos, parentes e outras instâncias com as quais se relacionam social e culturalmente, ou seja, reconhecer como “o povo que se movimenta e fala por si mesmo” (Cassab, 2007).

3 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa fundamenta-se na análise de referencial bibliográfico, fontes de dados oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, e, fundamentalmente, utilizamos narrativas obtidas por entrevistas semiestruturadas com residentes de Caminho da Volta.

A escolha das pessoas a serem entrevistadas foi feita a partir de contatos com moradores da comunidade, mediante a explanação acerca dos objetivos da pesquisa a ser desenvolvida. A partir desses contatos, delimitou-se, inicialmente, entrevistar cinco moradores da localidade de Caminho da Volta, os quais apresentarei sumariamente, abaixo:

- **Francisco Vilanildo de Abreu**, 45 anos, Residente desde os anos 2000, antigamente morava em Volta na Aracoiaba, mas ele e sua família teve que se abrigar em Caminho da Volta em decorrência da enchente provocada pelo rompimento do Açude Aracoiaba. Desempenhou a agricultura como sua ocupação principal por toda a vida. Divorciado, hoje vive sozinho, mas bem próximo de outros membros familiares. Aprendeu a cultura agrícola desde criança com seus pais, e hoje herda parte do terreno que pertencia ao seu pai onde desempenha grande parte de suas funções. Em suas entrevistas, teceu diversas críticas à falta de assistência governamental, reivindicando mais distribuição de renda para valorização do trabalhador.

- **Zilma de Castro Silva**, 69 anos, aposentada, reside Caminho da Volta desde 1993, ela e seu marido tiveram que se mudar por conta da seca verde¹. Já desempenhou atividades

¹ A seca verde é um fenômeno climático que se caracteriza por uma vegetação exuberante em meio a um período prolongado sem chuva. É comum no semiárido nordestino. A seca verde pode ser caracterizada por uma vegetação rasteira verdinha nas plantações, mas que não germina o suficiente para render colheita.

administrativas em Rescapes², porém sua principal atividade de vida foi a agropecuária, com plantação e criação de animais. Em seu discurso é marcante uma comparação da qualidade de vida dos dias atuais com a de antigamente, ela ressalta como passou por tempos difíceis dentre as últimas décadas do século passado, e como as coisas estão bem mais fáceis hoje.

- **Luiz Dias da Silva**, 74 anos, aposentado, reside em Caminho da Volta pela mesma época de sua esposa Zilma. Ressalta que já realizou diversos ofícios como o de queimar pedra para construção de calçamentos, mas segundo ele, nunca deixou de trabalhar em seu roçado, mesmo desempenhando múltiplas funções para complementação de renda; seu amor sempre foi à agropecuária. Começou a trabalhar desde muito cedo, aos sete anos; segundo ele até hoje não parou. Em seu discurso é notório a sua grande paixão pelo seu trabalho, familiares relatam que ele é viciado em trabalhar. Um acontecimento marcante em sua vida foi quando precisava de quantias muito altas para realização de uma cirurgia, diante disso ele teve que desfazer de todas as suas cabeças de gado e dar adeus para a atividade pecuária.

- **João Ricardo de Oliveira**, 62 anos, reside na região e arredores segundo ele desde sempre, nascido e criado aqui. Desempenhou atividades agrícolas por toda vida, ensinado desde criança por seus pais. Outro crítico a ineficiência no amparo governamental para com os pequenos trabalhadores, mas enfatiza a grande melhora nas condições desses trabalhadores na virada do século. Ricardo é um amante da agricultura e suas raízes, onde ele afirma que é uma das primeiras e mais importantes culturas da humanidade.

- **Joaquim Nogueira Neto**, 55 anos, mora em Caminho da Volta desde o final dos anos 90. Segundo ele, trabalhou apenas com agricultura por toda a vida, mas também trabalha criando animais de menor porte como cabras e carneiros. Casado, tem dois filhos. Ele destaca que existem muitos projetos governamentais que facilitam a vida do trabalhador de hoje, mas é necessário ser “esperto” para conseguir muito deles, deixando uma falta grande em projetos de governos e que precisam ainda de mais mobilização.

Nas entrevistas vai ser utilizado um questionário com treze perguntas sobre a vida dessas pessoas, sobretudo, relacionadas às práticas de agricultura por ser esta considerada a principal modalidade de ocupação entre moradores de Caminho da Volta. As perguntas abordam desde particularidades do trabalho, políticas públicas de assistência ao trabalhador rural, e ao seu sentimento como sujeito(a) importante e participante da comunidade a que

² Antiga iniciativa de distribuição de renda exclusivamente para alimentação por fornecimento, como peixes salgados, farinha e feijão de arrancar.

pertencem.

A análise dos relatos foi realizada mediante diálogos com diferentes autores, como (Amado, 1997) *A culpa nossa de cada dia: ética e história oral* e (Cassab, 2007), *indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral*, que nos instigou a problematizar a invisibilização de determinados segmentos sociais pelo viés da história oficial, muito embora, suas experiências cujos estudos se dedicam à compreensão da sociedade rural brasileira, (Altafin, 2007) em *Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar*, (Baiardi, 2014) em *Gênese e evolução da agricultura familiar*, (Wanderley, 1999) em *Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro*, (Prado Júnior, 1966) em *a Revolução Brasileira* e (Schneider, 2003) em *a Pluriatividade na agricultura familiar*. Por meio dessas leituras, pretende-se apontar o que significa a agricultura familiar, por meio de um recorte também histórico. Além de exemplificar as principais problemáticas tidas na realização da função desde o passado até os dias atuais, ainda explicando o conceito da pluriatividade em decorrência da realização de outras atividades para além da agricultura.

4 Fundamentação teórica e desenvolvimento preliminar da pesquisa

Em um contexto histórico, (Altafin) o primeiro nome que se deu ao público trabalhador rural médio e baixo era camponês, em meados do século XX, quando se começou a luta, por parte da esquerda. Anteriormente, esses trabalhadores foram considerados homogeneamente servos, na sociedade feudal, ou objetificados nas relações típicas da escravização. Tais relações, embora não existam mais formalmente, persistem enquanto resquícios de desigualdades historicamente constituídas. Estudiosos dos problemas sociais brasileiros, como Caio Prado Jr, assim se referiu aos trabalhadores rurais durante o século XX, “o camponês é explorado pelo senhor feudal pelos privilégios que esse se acha revestido e que determinam as obrigações dos camponeses em fornecer-lhe alimentos e trabalho” (Prado Júnior, 1966: 57). A nascente luta por mudança desse quadro se torna forte com a tentativa de uma não invisibilização desses corpos, para que se voltem para a organização dos trabalhadores do campo. Esse reconhecimento foi a faísca para o estopim de movimentos sindicalistas rurais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) por exemplo.

Dessa forma, (Altafin, 2007) na década de 1990, considera que a conquista da

reinserção da reforma agrária na agenda política, resultou na criação de diversos projetos de assentamentos, e a criação do PRONAF, representando a primeira política federal de abrangência nacional voltada exclusivamente para a produção familiar,

No mesmo sentido, as pesquisas acadêmicas buscam compreender o papel exercido por esse segmento social na estrutura político-econômica do País e sugerir formas para inserir as parcelas ainda excluídas do processo de desenvolvimento. É nesse contexto que o termo agricultura familiar se consolida e se difunde nos diferentes setores da sociedade. (Altafin, 1999).

Agricultura familiar, se trata de um pequeno núcleo familiar que realiza atividades agrícolas para obtenção de lucro para o sustento. Contudo, o senso comum idealiza essas pessoas apenas como trabalhadores rurais sem uma grande ascensão profissional, tendo agricultura familiar como última opção. Porém, existe uma esfera de herança cultural, segundo Wanderley o agricultor familiar,

[...] guarda ainda muitos de seus traços camponeses, tanto porque ainda tem que enfrentar velhos problemas, nunca resolvidos, como porque, fragilizado, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças (Wanderley, 1999: 52).

O presente estudo tem como foco os trabalhadores rurais de pequenas comunidades que normalmente são afastadas de grandes centros, que também desempenham a agricultura de subsistência, terminologia que consideramos mais apropriadas, pois contempla a dimensão de resistência mantidas pelos praticantes dessa modalidade é o objetivo de estudo do presente trabalho. Vivendo em contextos socioeconômicos cada dia mais excludentes, esses trabalhadores ressaltam as dificuldades para se manter em suas atividades e ofícios tradicionais praticados, muito dependentes das condições climáticas e com poucos recursos.

Hoje é difícil ser do trabalho rural, porque você pega uma lavoura dessa (milho), se for atrás de um trabalhador é difícil achar um, e se não tiver seus 75 a 80 reais, você não acha um trabalhador para trabalhar, né? Hoje a agricultura eu vou te dizer, não dá. Não dá assim, porque antigamente você chamava um trabalhador chagava dez. (Entrevista: Luiz Silva, 2024)

[...] agricultor pequeno é difícil. Esses invernos não são mais os mesmos e não tem como, a praga toma conta do legume entendeu? E é difícil, você sobreviver da agricultura, pequeno agricultor é muito difícil, pode ser que tenha alguém aí vivendo disso aí, mas não é fácil não viu falando de pequeno agricultor né. (Entrevista: João Oliveira, 2024)

Ao referem-se às dificuldades a ênfase se acentua na pouca assistência e reconhecimento governamental ou por problemas provenientes do clima e da natureza,

[...] é tudo, a falta de ajuda do governo de tudo né, se você né o agricultor tem que trabalhar com os braços né, aparece uma praga todos os anos aparece muita lagarta, besouro e tudo e se você não pulverizar aquilo acaba com a plantação. Aí tudo vai dificultando a vida do trabalhador, vai encarecendo e muitas vezes não consegue combater a praga, esse ano foi um deles, aí é difícil, você não tem apoio do governo, não tem apoio de ninguém. (Entrevista: João Oliveira, 2024)

Fui prejudicado por enchente em 64, de seca em 93 eu perdi tudo, fiz nada, fui prejudicado, daí para cá foi assim um bom e outro fraco. Em 93 não choveu para fazer nada, chama de seca verde, você planta não dá nada, meio de ano corta o inverno aí você já perdeu seu legume. Esse ano deu bom, para milho como você tá vendo aí foi tarde, mas colheu, feijão quem plantou cedo colheu aquele feijãozinho, que eu mesmo fiz três saco e meio de caroço de feijão ainda. A fava não, foi perdida uma coisinha só, aí você tá vendo né não dá nada, aí já é coisa do inverno, depende na natureza. (Entrevista: Luiz Silva, 2024)

Além disso, esses agricultores produzem em pequenas quantidades, priorizando o suprimento de suas necessidades básicas. Quando conseguem produzir para além do necessário para o consumo, buscam vender para adquirir itens complementares, como temperos, farinha, dentre outros. Em muitos casos o trabalhador come o próprio arroz e feijão que plantou em seu terreno, sem contar as especiarias como cheiro-verde, cebolinha, tomate dentre outras, que são plantadas normalmente nos quintais nos chamados canteiros,

Feijão, arroz, milho e fava, só as sementes que a gente trabalhava. Nois tinha burro para carregar do roçado para casa. Quando a gente fazia a safra aumentada, assim feijão, arroz a gente vendia para comprar um tempero, farinha, mas a gente vendia quando a gente tinha precisão assim, para comprar um tempero uma roupa uma coisa. (Entrevista: Zilma Silva, 2024)

Mesmo com os desafios que a produção capitalista sujeita as classes trabalhadoras, os trabalhadores rurais empenham-se a adaptar-se às transformações da realidade e ao mesmo tempo manterem suas raízes e heranças familiares de trabalho,

[...] as transformações vividas pelo agricultor familiar moderno não representam ruptura definitiva com formas anteriores, mas, pelo contrário, mantém uma tradição camponesa que fortalece sua capacidade de adaptação às novas exigências da sociedade” (Altafin, 2007).

Entretanto, esses trabalhadores não podem ou não querem mudar seu ofício, caracterizando suas práticas como uma forma de resistência.

Isto é tão verdade que mesmo diante de grandes adversidades como a falta de chuvas no Nordeste, o produtor familiar resiste a encerrar a atividade e migrar para a cidade. Estas percepções e evidências explicam por que a agricultura familiar se mantém além de razões econômicas e sociais” (Baiardi, 2014)

O que pode explicar a tentativa das pessoas em um ramo que, conforme assinalam moradores de Caminho da Volta em seus relatos, encontram-se “abandonado em várias esferas”. O trabalho rural é mais que uma saída para a vida financeira dessas pessoas, muitos trabalhadores desempenham suas funções com o prazer de fazer o que sabem,

Rapaz eu vou estudar, por quê? Porque você gosta. Aquele é o seu objetivo, para depois ser uma pessoa do bem. Agora eu falo que nem o Luizinho, você é analfabeto, você não tem estudo, tem que trabalhar, mas esse é o que eu gosto, é o meu objetivo. (Entrevista: Luiz Silva, 2024)

A prática da agricultura é assim considerada um modo de vida que se insere na cultura tradicional, que passa de geração para geração, porém, reconhecem persistir no ofício, tendo em vista as dificuldades que enfrentam.

Foi sim, eu aprendi com meus pais, infelizmente o pessoal não está optando por esse lado aí né, era uma cultura mesmo, uma coisa que já vem..., antigamente não existia praticamente emprego era somente agricultura, era a saída que tinha. Eu até aconselho que quem quer procurar outro meio é melhor, a agricultura ela é desvalorizada não tem muito que a pessoa se apegar não, se tiver outra saída é melhor a pessoa procurar. (Entrevista: João Oliveira, 2024)

Como ressaltado pelo senhor João Oliveira, e antes pelo senhor Luiz Silva, hoje as pessoas não tentam a agricultura pela falta de melhores condições financeiras na área, que é tido como algo muito ruim porque resulta em um enfraquecimento dessa cultura, reconhecem terem ocorrido mudanças em determinados âmbitos, que possibilitam certas melhorias, porém, ainda insuficientes para assegurar uma vida mais digna ao trabalhador rural.

Antigamente era muito difícil. Nois vestimos de roupa essas coisas, antigamente você via sua mãe remendando a tarde todinha uma roupa de um marido para trabalhar em outro dia. Antigamente colocava era uma tanga de rede e colocava os punhos de outra rede, os tempos de viver para quem viver o tempo é hoje. (Entrevista: Joaquim Neto, 2024)

É o trabalho da roça, hoje tá muito mais facilitado do que o passado, certas coisas no passado eram muito difíceis, a gente colhia um roçado só no pilão, pisando arroz, gastava um roçado de milho só moendo milho, fazendo pão moía do moinho. E o arroz torrava quando ele era maduro, torrava no cacto e pisava no pilão, era assim, não tinha... hoje facilita muito as coisas. Hoje vem massa de milho feita, vem o arroz pronto, já vem tudo pronto bem dizer na boca, vem tudo mais fácil, no tempo para trás era tudo muito difícil. (Entrevista: Zilma Silva, 2024)

O advento de políticas públicas nos últimos anos que pretendiam colocar o pobre no orçamento impactou diretamente o pequeno agricultor, que por meio destas iniciativas, como de ações afirmativas melhorou a qualidade de vida dessas pessoas além de tornar possível que

dentro da atual conjuntura seja possível continuar. Porém, trabalhadores ainda reivindicam que o amparo governamental é insuficiente,

Tem uns projetos aí, do Banco do Nordeste que sempre dá uma força né empréstimo, você elabora um projeto parcela sem juros e tem bônus, é uma das saídas né. Eu acho que deveriam ajudar mais, é muita coisa que deixa a desejar né, pequeno agricultor né, muito difícil o negócio não é fácil não. (Entrevista: João Oliveira, 2024)

Existem benefícios que estão regredindo, atendendo cada vez menos os beneficiários, e não são suficientes a todos, como exemplo da Ematerce³,

Acho que muito pouco né, a ajuda que dá é muito pouco, para mim é. As formas... comesse trator né, têm o seguro safra, quando perde o legume (secas ou enchentes) eles pagam para a plantação que perde. Tem as sementes (Ematerce), mas as minhas eu mesmo não recebo, o cabra que tira as vezes dá é briga lá, porque não vêm o tanto de capacidade certa para os pobres todo, eles fazem é brigar lá pela semente. Para mim deveria ter mais alguma ajuda. (Entrevista, Francisco Vilanildo, 2024)

Agora ajuda mais, mas antigamente era difícil. Têm empréstimo do Agroamigo. Deveria ajudar mais, mandando o engenheiro agrônomo aqui é abandonado para a gente, antigamente até tinha a Ematerce até mandava, mas hoje o que não corrige mais. Têm a Ematerce mandando grão, só o milho, as vezes falta para alguém, os mais esperto pega. (Entrevista: Joaquim Neto, 2024)

Apesar da reconhecida melhoria de vida dessas pessoas que se deu por meio de programas e projetos de governo com a finalidade de diminuição da linha da pobreza, quando se pensa nas políticas públicas especialmente aos trabalhadores rurais, elas não têm o mesmo sucesso em atingir todos as pessoas que enfrentam outras limitações, como a baixa escolaridade, para acessarem os benefícios.

Outrossim, existe a pluriatividade, (Schneiser, 2003), quando o trabalhador desempenha atividades extras que não seja especialmente de sua área, seja pela necessidade da própria linha de produção capitalista, seja pela necessidade socioeconômica do trabalhador que muitas vezes não é suprida apenas com uma atividade. Isso é proveniente de uma precarização do trabalho. No exemplo do trabalhador rural, pelos poucos incentivos do governo para possibilitar esses trabalhadores a garantia de sobrevivência esse fenômeno também se faz presente,

³ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce) é um órgão público estadual, sem fins lucrativos, criado pelo Governo do Estado do Ceará em 1976. A Ematerce é vinculada à Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA) do estado e tem sede em Fortaleza.

[...] enquanto fenômeno social e econômico presente na estrutura agrária dos países desenvolvidos e em alguns países emergentes, como no caso do Brasil, podemos definir a pluriatividade como um fenômeno através do qual membros das famílias de agricultores que habitam no meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou mais rigorosamente, optam pelo exercício de atividades não-agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. (Schneider, 2007)

De acordo com o senhor Luiz, para sustento da família era necessário a realização de outras atividades para além da agricultura, porém, este ressalta que nunca abandonaria sua atividade principal,

Eu trabalhava na pedra, queimando pedra, mas sempre na minha roça também, taralhava lá um mês para ganhar, e quando era dia de sábado e domingo eu trabalhava na minha roça, na planta na colheita era assim. Trabalhava em negócio de calçamento quebrando pedra, entroncando aço batendo marreta, problemas de pedra né. Mas sempre na agricultura, na minha roça nunca deixei de trabalhar, comecei a trabalhar com sete anos de idade e pode-se dizer que até hoje não parei mais. (Entrevista: Luiz Silva)

Por fim, diante de todas as problemáticas evidenciadas anteriormente, no presente estudo evidencia-se, sobretudo invisibilidade e falta de espaço dos principais afetados pelas problemáticas da vida rural. Os residentes de pequenas comunidades afastadas dos grandes e importantes centros não têm voz para reivindicar soluções para as demandas que lhes atingem. O apagamento dessas pessoas da história oficial é notório, e sua incapacidade de falar suas próprias narrativas impossibilitam o seu próprio reconhecimento como sujeito pertencente a estruturas sociais mais amplas.

Portanto a saída possível desse apagamento em termos de reconhecimento histórico, conforme assinala (Amado, 1997), passa por reconstruir mapas sociais e representar uma realidade coerente da sociedade, por preservar e analisar narrativas orais de pessoas para documentar eventos históricos e culturais. Uma via possível, certamente consiste em ouvir aquilo que tem a nos dizer sobre si, porque ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem.

A presente pesquisa pretende por meio dos relatos orais desses indivíduos invisibilizados, refletir sobre seus problemas, suas próprias histórias e o que pensam sobre si mesmos e as atividades que praticam.

Quero dizer o seguinte a agricultura é uma coisa que já vem, eu acredito que desde o começo do mundo, e uma cultura que já vem de muito tempo né, isso a gente tem que agradecer e valorizar, apesar de toda a dificuldade acho que

esse pessoal mais antigo tudo tem conhecimento disso aí, se perguntar hoje uma pessoa de 80 anos hoje em dia se fizer uma pergunta a ele, ele vai dizer que não tá trabalhando porque não pode mais. Ele gosta tanto que se pudesse tá trabalhando ele tava trabalhando, é uma coisa que você tem que valorizar porque foi daquilo que você viveu né, se conseguiu criar sua família e sobreviver a custa daquilo tem como não dar valor não, tem que valorizar. (Entrevista: João Oliveira, 2024)

Pessoas que pertencem a um lugar ignorado pela história, necessitam oportunidade de deixar registros e análises sobre suas vidas para gerações futuras. Ao narrarem suas histórias ou darem seus relatos de vida não se constituem, eles próprio, no objeto de estudo, mas sim seus relatos de vida, estes relatos podem produzir outras sensibilidades (Cassab). A partir disso, pretende-se por meio da valorização da memória dos agricultores de subsistência de Caminho da Volta, reconhecer-se próprio como digno de seus direitos de existência e de vida,

Valorizar a relação entre passado e presente, entre história e temporalidade, destaca a importância da memória para se compreender a intensa relação entre objeto e tempo nessa busca da verdade para se conhecer e criticar a realidade, descobrindo novas nuances em sua constituição. (Cassab, 2007)

Evidencia-se, pelo exposto, que estas pessoas são bastante conscientes da carência de direitos básicos para a manutenção de uma das principais e mais importantes atividades que conhecem e desempenhas, a agricultura, sobretudo ao praticarem para assegurar a própria subsistência. A pesquisa assinala que essas pessoas por meio do reconhecimento da sociedade de como elas são importantes, e dos próprios trabalhadores por meio da oportunidade que lhes são negadas reafirmam-se para a sociedade que podem conduzir de maneira autônoma seus próprios destinos, com múltiplas possibilidades.

5 Considerações finais

A análise do material bibliográfico possibilitou perceber, acerca das práticas de agricultura de subsistência, suas origens e evolução e pormenores desde o século passado, além da complexidade que envolve essa atividade como falta ou insuficiência de benefícios governamentais, que além de gerar insegurança financeira a esses trabalhadores, os impele procurar outras atividades em conjunto com a agricultura na tentativa de atingir uma segurança alimentar. Além disso, outras leituras possibilitaram uma possível solução a essas problemáticas. Considerando que os sujeitos que protagonizam essas histórias, pelo

reconhecimento da existência dessas pessoas como sujeito participativo e importante da história, além de torná-los relevantes os possibilitam reivindicar direitos por condições de vida que respeitem suas tradições e escolhas.

Do mesmo modo, a relevância de conhecer historicamente experiências de pessoas comuns para o reconhecimento destas e suas contribuições, respeitabilidades e experiências de vidas, possibilita uma maior empatia a vida dessas pessoas, ao abrirmos os olhos para a dura realidade que cerca a vida dos sujeitos que desempenham funções primordiais para as comunidades da qual fazem parte.

Nas entrevistas propiciaram a oportunidades de conhecer realidades de pessoas a partir de seus relatos orais, marcados pelas lembranças de um passado difícil, mas de um presente que necessita de melhoras. Por estar muito ligado ao espaço ao qual se utilizou na pesquisa, foi possível identificar relações familiares diretas e refletir acerca de melhores formas de entendimento e de tornar-se mais empático.

A própria dinâmica da entrevista permite que ambos os sujeitos se investiguem mutuamente, aproximem-se e conheçam-se, possibilitando desvelarem suas visões de mundo e relações de poder, as quais nunca são unidirecionais, mas dialéticas, estando presentes as categorias poder, igualdade e diversidade. (Cassab, 2007)

Portanto, em muitos momentos a entrevista se tornou um diálogo, proporcionando novas aprendizagens e aprofundamento sobre questões relevantes viabilizadas pela construção de conhecimentos acumulados ao longo do processo da pesquisa. “Não se pode estabelecer um roteiro rígido, único, a ser seguido em várias entrevistas, pois em cada uma delas novas informações e conhecimentos são acrescentados” (Cassab, 2007, p. 16). Por fim, espera-se que a experiência apreendida na elaboração deste trabalho acerca de modos de vida de trabalhadores de agricultura de subsistência da comunidade de Caminho da Volta tenha continuidade em futuros estudos.

Referências

- ALTAFIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, p. 1-23, 2007.
- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, São Paulo, n. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11225>. Acesso em: 10 set. 2024.
- ASSISTÊNCIA Técnica e Extensão Rural do Ceará EMATRCE. Disponível em: <https://www.ematerce.ce.gov.br/>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- BAIARDI, Amílcar. Gênese e evolução da agricultura familiar: desafios na realidade brasileira e as particularidades do semiárido. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 45, n. 5, p. 143-156, 2014. Disponível em: <https://x.gd/880II>. Acesso em: 15 set. 2024.
- CASSAB, L. A., & Ruscheinsky, A. (2007). **Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral**. *BIBLOS*, 16, 7–25.
- COSTA D. S. da, QUEIROZ E.S. de, LIMA R. S. S., As (im)pertinências da noção de uma agricultura de subsistência. **Revista Macambira**, v.6, n.1, 2022. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/RM/article/view/691/635>. Acesso em: 20 out. 2024.
- INFORMAÇÕES do Brasil, Rua Luiz Soares, Redenção-CE Disponível em: <https://x.gd/tb5WH>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE cidades, Redenção-CE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/redencao.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- INSTITUTO Nacional do Semiárido - INSA. Disponível em: <https://www.gov.br/insa/pt-br/semiario-brasileiro>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- PRADO JUNIOR, Caio. **A Revolução Brasileira**. 2º edição. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura família**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. In: TEDESCO, João Carlos (org.). *Agricultura Familiar, Realidades e Perspectivas*. 2. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Cap. 1, p. 21-55.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

1. Há quanto tempo o senhor/a mora no Caminho da volta?
2. Em que atividades o senhor/a já trabalhou? Tem alguma atividade que o senhor/a fazia no passado e não faz mais?
3. Atualmente, quais as principais práticas, atividades, trabalhos... de um trabalhador rural durante o ano?
4. Todas as habilidades e conhecimentos que o senhor/a sabe sobre o trabalho rural, você aprendeu com seus pais ou familiares responsáveis? O senhor/a acredita que o ofício do trabalhador rural é passado de geração para geração como algo cultural?
5. O senhor/a acha que hoje ainda é possível viver do trabalho rural, sendo um trabalhador rural de pequeno porte?
6. Atualmente, o que o senhor/a acha que mais dificulta a atividade do/a trabalhador/a rural? E o que facilita?
7. Quais as principais sementes, e os animais que o senhor/a trabalha hoje?
8. O senhor/a acha que os governos, federal e municipal ajudam o trabalhador rural? De que formas? Os incentivos são o suficiente ou deveriam ajudar mais?
9. O senhor/a já foi prejudicado por secas ou enchentes? Isso ocorreu mais em décadas atrás ou atualmente?
10. O senhor/a nota uma grande diferença entre o trabalhador rural de antigamente com o trabalhador de hoje? Pode dar um exemplo?
11. O senhor/a considera que seu trabalho é importante e ajuda a humanidade? De que forma?
12. O senhor/a acha que seu trabalho é valorizado pela sociedade? Por quê? O senhor/a acha que todos os trabalhadores/as rurais entendem a importância deles para a sociedade?
13. O senhor/a acha fundamental que o trabalhador se reconheça e seja valorizado como importante para a humanidade? Por quê?